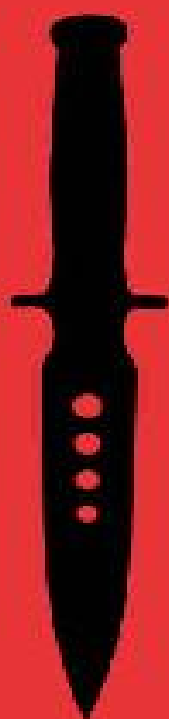


LUIZ ANTONIO SIMAS  
LUIZ RUFINO

# Encantamento

SOBRE POLÍTICA  
DE VIDA



LUIZ ANTONIO SIMAS  
LUIZ RUFINO

# Encantamento

SOBRE POLÍTICA  
DE VIDA



 **mórula**  
EDITORIAL

## ÍNDICE

Encantamento (sobre política de vida)

[ REFERÊNCIAS ]

[ SOBRE OS AUTORES ]

[ CRÉDITOS ]

[ OUTROS TÍTULOS DE SIMAS E RUFINO ]

# Encantamento (sobre política de vida)

*É a vida, mais do que a morte, que não tem limites*

[ GABRIEL GÁRCIA MÁRQUEZ ]

NO MUNDO ATUAL, a necessidade de estar conectado é da ordem do dia. Conectar é expressão dicionarizada como ato de fazer uma ligação entre um computador, a internet ou algum dispositivo — como uma impressora. Pode também se relacionar às ligações que envolvem circuitos elétricos. Mas conectar é verbo transitivo direto que, de forma bem mais ampla, representa a agregação de diversos elementos em busca de objetivos comuns. Reconectar, neste sentido, é refazer conexões que foram perdidas.

Já encantar é expressão que vem do latim *incantare*, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo. Em algumas culturas do norte da África e da Ásia, é comum o ritual do encantamento das serpentes. Ao abrir o cesto onde a cobra repousa, o encantador sabe que a serpente despertará com a luminosidade para ver o que está ocorrendo. Ao enxergar a

flauta, a serpente assume uma posição natural de defesa, com parte do corpo na vertical. Quem dará o bote primeiro?

O som da flauta engana incautos, mas não a cobra. A naja é surda, não escuta a música. São os movimentos da flauta que fazem a serpente bailar, como quem se coloca em posição de defesa e, ao mesmo tempo, de fascínio diante do objeto manuseado pelo encantador.

Os encantadores mais experientes sabem que se a cobra der o bote, a flauta que encanta vira também escudo. A serpente, ao tentar abocanhar a flauta, se machuca. Aos poucos, percebe isso e para de dar o bote. Os encantadores mais ousados seduzem o público e ganham uns trocados beijando a cabeça da serpente, chegando por cima. Eles sabem, afinal, que a Naja só dá o bote pra baixo. Quem chega por cima não corre esse risco.

Para acabar o espetáculo, basta diminuir os movimentos da flauta. O jogo não termina, apenas é interrompido. A serpente se recolhe ao fundo do cesto e o encantador guarda o instrumento, até que a dança, o desafio, o encantamento — que na dimensão mais profunda é um jogo de ataque e defesa, em que a sobrevivência do flautista depende de diversas artimanhas para burlar a serpente e sua peçonha assassina — comece de novo. O flautista sabe que tem duas opções: encantar a serpente ou sucumbir ao bote e ao veneno da morte.

Mas o que será que podemos tirar dessas duas questões colocadas: as estratégias de conexão e as táticas do encantamento da cobra/mundo?

A colonização (pensamos a colonização como fenômeno de longa duração, que está até hoje aí lançando seus venenos), gera “sobras viventes”, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro.

Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “supraviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir

além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. Uma disputa operada apenas no campo da política e da economia pode gerar ganhos efetivos, é claro. Mas o salto crucial entre a sobrevivência e a supravivência demanda um conjunto de estratégias e táticas para que saibamos atuar nas batalhas árduas e constantes da guerra pelo encantamento do mundo.

A vida, afinal, é aquilo que praticamos cotidianamente e está em constante ameaça, a partir do veneno da serpente que, uma vez inoculado, espalha a mortandade, descredibilizando o ser e os seus saberes. Para a maioria dos seres que não experimentam o mundo a partir dos alpendres da Casa Grande, das sacadas dos sobrados imperiais e das salas de reunião de edifícios de grandes corporações, cabe entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma.

A gerência de uma vida praticada em conexões plurais por uma perspectiva contrária à diversidade produz o desencanto: perda de vitalidade, que reifica as raízes mais profundas do colonialismo. A grande peleja que se trava nesse momento veste a pele dos “homens de bem” preparados para dar o bote contra os pluralismos, reconexões e sabedorias táticas operadas nas frestas onde o encantamento irriga o ser de possibilidades de liberdade.

Nas bandas daqui a noção de encantamento vem sendo ao longo do tempo trabalhada como uma gira política e poética que fala sobre outros modos de existir e de praticar o saber. O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida firmada em princípios cósmicos e cosmopolitas.

A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todos as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios. Para nós, é muito importante tratar a problemática colonial na interlocução com essa orientação. Entendemos que a matriz colonial é uma das chaves para pensarmos a guerra de dominação que se instaura entre mundos diferentes. Se de um lado temos a integração dos sistemas vivos, a conexão entre as dimensões materiais e imateriais e a ética ancestral, do outro lado está a separação e a hierarquização Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano.

O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encanto é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas.

De caráter cosmopolita o encantamento não exclui o outro como presença possível de trançar diálogo. Por primar pela coexistência, pela alteridade e por entender que a vida é radical ecológico, a lógica do encanto não exclui experiências ocidentais como contribuições para a potencialização da vivacidade. Porém, pouco mais de cinco séculos indicam como as produções vindas do outro lado do Atlântico têm se assegurado nas contratualidades raciais, hétero-patriarcais, teológico-políticas e antropocenas.

Mesmo as tradições discursivas que se reivindicam progressistas são ainda fixas em pressupostos ocidentalizantes e não disponíveis ao transe e não têm respondido de forma responsável à diversidade do mundo. Conhecimentos anteriores há cinco séculos de história são indexados como não relevantes por versarem em outras gramáticas. Em virtude disso, não levam o carimbo da consciência, do humano e da civilização.

É por isso, que o encantamento tem sido alvo do fetichismo e de desqualificação nos debates sobre sociedades e modos de vida. Falamos do encantamento enquanto astúcia de batalha e mandinga em um mundo assombrado pelo terror. Enquanto há quem ache que é bobagem e as florestas são derrubadas, os xamãs e pajés invocam os espíritos da natureza para recordarem que um dia formos árvore, folha e poeira do universo. Virados no transe de medicinas que desconhecemos, eles miram a cura para esse adoecimento.

Não há nenhuma noção romântica nessa prosa que anseia por relações livres de conflitos, redenções e promessas de conquista. O encantamento diz sobre como as gramáticas supraviventes se inscreveram nas dobras de um amplo repertório de assassinatos. Para dobrar a lógica de mortandade é fundamental considerarmos que a morte como duplo da vida, passagem para outras dimensões da existência, travessia nos ciclos do tempo e cumprimento da ética ancestral não é um radical da escassez, da interrupção, mas sim da continuidade. Dessa maneira, a morte enquanto rito pode ser chave para a compreensão da esfera da vivacidade e não da dicotomia vivo e morto, como algo ativo e inativo ou útil e descartável.

Não à toa, a dimensão da ancestralidade se manifesta como fundamento ético que interliga diferentes expressões da existência. Na experiência do nascer, do morrer ou nos refazimentos cotidianos se expressam o nosso caráter provisório, inacabado e dialógico. Ou seja, a vida é um sentido amplo que comunica a vibração do ser em conexão com todas as outras coisas criadas e invisíveis aos nossos olhos.

As sabedorias ancestrais ensinam que não existe no universo o grande e o pequeno. O que há é a harmonia entre as coisas que possuem tamanhos distintos, sem relações de grandeza que, desprovidas de sentidos, não acrescentam nem diminuem nada.

Nesse sentido, o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário. Daí o encanto ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d'água, pedra de rio e grão de areia. O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado.

Se oriente, desanuvie seu sentir, respire o pó das árvores que são vida muito antes de existirmos. Haverá quem, lendo isso, considere que falamos de fantasia ou coisas do tipo. Acontece que o humano, como métrica de uma conjunção entre o branco, homem, cristão, obcecado pelo consumo e acúmulo esqueceu que é natureza. Se blindou de civilização a ponto de esquecer que é somente mais uma manifestação do vivo integrado a um amplo e complexo organismo. Por se distanciar disso tem perdido a vivacidade, se adequando a um padrão de desencantamento.

Considerando que viver é artimanha que se cultiva entre aquilo que se enxerga e aquilo que mora no invisível, seguimos o rastro da flecha que atravessa o tempo: *o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto*. Para os saberes que margeiam essa terra e sopram ar, hálito e palavras de força para afugentar o espectro colonial, vida e morte transbordam os limites de uma compressão meramente fisiológica para se inscrever em outras dimensões.

Assim, cabe falarmos em mortandade e vivacidade, considerando que a primeira é um estado de desencanto da vida e a segunda é a experiência do ser integral e integrado como a natureza, mesmo que eventualmente tenha morrido. Essa é uma das picuias de caboclo lançadas aos modos dominantes convertidos a um senso de humanidade perverso com a natureza. Os

caboclos do Brasil, supraviventes (pela via do encanto ou do fazer do duplo vida e morte uma jornada de não esquecimento) nos convocam a pensar e encarar essa quizumba.

O brado ecoa. Nessa terra se instalou um modo adoecido, um amplo repertório de formas de desencanto, que hoje nos fazem acreditar que esse simulacro que nos é destinado é um modo “normal” de vida. Toda vez que na mata se ouve um barulho, o pássaro do sonho nos visita, a fumaça é soprada para afugentar o aperreio, um caboclo atira suas flechas invisíveis para nos lembrar que viver é mais que as sobras do olho-gordo e da escassez gerida pelos “homens de bem”. Recuperar o sentido ancestral/espiritual da ideia de conexão é necessário para nos interligar às teias e tecnologias da biosfera que são capazes de nos fazer respirar e apontar caminhos na labuta entre vivacidade e a peçonha do desencanto.

Vamos em bando, as sabenças das margens falam de muitas formas sobre como a violência aqui perpetrada há séculos impede a vivência dos ciclos em que vida e morte são dimensões da natureza e da conexão com o todo. Um mundo obcecado pela linearidade e pelo desenvolvimento que explora a natureza como mero recurso e enxerga na métrica do humano a semelhança com o divino está fadado a se perder na circularidade da existência.

O desencantamento diz sobre as formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subordinar, silenciar, dismantelar e esquecer as dimensões do vivo, da vivacidade como esferas presentes nas mais diferentes formas que integram a biosfera. Entender o desencante como uma política de produção de escassez e de mortandade implica pensar no sofrimento destinado ao que concebemos como o humano, no deslocamento e na hierarquização dessa classificação entre os outros seres.

Na embolada entre vivacidade e mortandade, encantamento e peçonha nos atracamos com o Brasil. Jogamos o corpo na dança e no sopro da flauta a esperança de uma virada poética e política que transmute as energias. Neste ponto, lançamos a provocação e afirmamos que o Brasil precisa dar

errado urgentemente. O país que anda se vendo no espelho nesses anos bizarros é aquele que destrói sistemas de mundo e formas plurais de vida, formado por capitães do mato, capatazes, senhores de engenho tarados, feitores, bandeirantes apesadores de índios e destruidores de quilombos, genocidas, generais, torturadores, coronéis, pistoleiros, membros do esquadrão da morte, misóginos, homofóbicos, parasitas sociais, fanáticos religiosos, burocratas medíocres, empresários mafiosos, doutores pedantes, milionários sibaritas e arrivistas inescrupulosos.

O projeto de normatização deste Brasil de horrores, para que seja bem-sucedido, precisou de estratégias de desencantamento do mundo e aprofundamento da colonização dos corpos. O corpo, afinal, pode ameaçar, mais do que as palavras, de forma mais contundente o projeto colonizador fundamentado na catequese, no trabalho forçado, na submissão ostensiva da mulher e na preparação dos homens para a virilidade expressa na cultura da curra: o corpo convertido, o corpo escravizado, o corpo feito objeto e o corpo como arma letal. Este Brasil é um país de corpos doentes, condicionados e educados para o horror como empreendimento.

No meio de tudo isso, para piorar, parece perdida a curto ou médio prazo a possibilidade de qualquer projeto nacional menos bizarro. Os anseios de grupos que romantizam o precário e de outros que pragmaticamente acham que os fins justificam os meios estão aí esparramados, parecem birutas de aeroporto em vento de viração. As ilusões iluminadas foram atropeladas pela saudação que um troglodita fez ao assassino Brilhante Ustra, o capataz mais grotesco do regime de exceção de 1964.

Vampirizada pelo terror, parte da população apoia as pautas mais obscurantistas. A inclusão apenas pelo consumo deu nisso: a revolução é o carro na garagem comprado em 72 prestações. Nosso próximo passo parece ser a privatização, ao mesmo tempo, das universidades públicas e dos presídios brasileiros.

O Brasil como estado colonial, foi projetado pelos homens do poder para ser excludente, racista, machista, homofóbico, concentrador de renda, inimigo da educação, violento, assassino de sua gente, intolerante, boçal, misógino, castrador, faminto e grosseiro. Somos em parte isso tudo, não? Neste sentido, desconfiamos que nosso problema não é ter dado errado. O Brasil como projeto, até agora, deu certo.

O trabalho é miúdo, constante, longo, de enfrentamento e aprendizado. A ideia de resistir não é mais suficiente. Evocamos os repentes dos cantadores, os cantos da Aruanda, a procura de Ivy-Maraê, o passeio do touro coroadado do Lençol, o prelúdio das bachianas no rodopio de Corisco, a encantação do mundo desvelada no contracanto de Pixinguinha no Um a Zero, a bandeira branca de Zarateempo tremulando nos corpos/troncos das imensas gameleiras.

Nas horas de desespero, na beira do abismo, parido pelo ventre do navio que atravessou a calunga gritando o triunfo da morte, alguém sobreviveu e bateu um tambor; o mesmo que reverberou um dia, afirmando a vida e cuspiendo na cara do capitão do mato, numa esquina vagabunda do Estácio de Sá.

Em resumo, por aqui se construiu um empreendimento escravagista fodidor dos corpos extremamente bem-sucedido, que mói as mulheres, crianças e homens, derruba as matas, desencanta os rios e as ruas. Deu certo até hoje, com sobras. A nossa chance é começar a dar errado, como indivíduos e coletividade, com a maior urgência. Precisamos arvorecer com a delicadeza do jasmineiro e a fortaleza de mil anos das sumaúmas da floresta, agir como a folha da espinheira-santa em suas artimanhas de guerra, nas bordas de espinhos, e cura das doenças quando encantadas pelos caboclos.

Soterrados nos escombros das obras coloniais vivemos sob as dimensões do carregamento dessa empresa de destruição de inúmeros sistemas vivos. Uma engenharia que produz terror, trauma e nutre de perversidade os funcionários que disseminam ódio e devoção ao extermínio. No painel de

terror cultivado pelos espectros da plantation, da catequese e da infantaria, se produz o desvio e a aniquilação de muitas formas. Mesmo almejando o corpo, maculado por tortura, estupro, cárcere, esculacho e humilhação — as formas primeiras de ação do poder colonial — existem ainda formas sutis e duradouras de se alimentar o desencante.

Nos alicerces que sustentam o Brasil dos senhores que aplaudem e mobilizam a espiritualidade mortífera, estão substanciados vários modos de colonização que aniquilam gramáticas maternas e percepções de mundo, criam modos de interrupção dos ciclos, encapsulamento do tempo, destruição das relações comunitárias e aniquilação do sentido ritual da vida como dimensão ecológica. Ou seja, aqueles que aqui aportaram e trouxeram a guerra, a doença e a promessa constituíram formas de desencantamento (mortandade) assassinando saberes, linguagens, comunidades e rituais. Esse Brasil que deu certo financiou um modo de vida que, para ser adquirido, cobrou a vivacidade de seus seres.

O que gere o poder dos bispos e capitães nessa terra é forjado na mentira. As *fake news* de hoje têm o carrego da praga rogada de ontem. Atentem para os ciclos: a natureza ensina quando são demandados os refazimentos, a ética ancestral nos interpela sobre quais respostas daremos para o dismantelo do mundo.

Para honrar e bater tambor aos que nos trouxeram nos ombros, aqueles que iremos carregar e atar emendando o ciclo, só há um caminho: responder com a própria vida. Cace um silencio e deixe o ancião Tempo lhe soprar na alma que existência é um princípio comunitário.

Quando falamos de ancestralidade, não estamos reverenciando a morte, mas fortalecendo conexões entre os mortos e os vivos; coisa que preserva perfeitamente viva a história da comunidade. O morto representa uma realidade física e espiritual, presente tanto no passado quanto no agora, entre os vivos. Ao mesmo tempo, alicerça a moldagem da direção de nossa realidade física e espiritual, em conexão com as mais diversas formas de

vida, e de nossa presença no futuro. Os ventos ensinam, como diz um velho provérbio dos congos, que os pássaros têm asas porque elas lhes foram passadas por outros pássaros.

Por outro lado, família, nação, Deus, eleitores são discursos aqui pavimentados na aniquilação e desvio de outros modos de sentir a vida. A privatização da existência é um arremedo que para se alçar como promessa precisa destruir o outro como expressão da diversidade. A coexistência não é um caminho possível para aqueles que cultivam a tara do narcisismo colonial.

Como combater a mortandade quando ela se torna algo corriqueiro? O encantamento, sem nenhum fetichismo conceitual ou presepada, é política de vida plantada nas margens, capoeiras, sambaquis, quilombos, mangues, sertões, gameleiras, esquinas e matas daqui. O encantamento enquanto manifestação da vivacidade expressa no *cruzo* entre naturezas e linguagens, está implicado na dimensão da comunidade e do rito. Em outras palavras, o extermínio e a subalternização secular de princípios comunitários e de práticas rituais contrárias ao padrão dominante são um dos componentes da política de mortandade e do desencantamento do mundo.

O que habita no corpo daqueles que fazem firula em torno da miséria? Como temos insistido em alguns escritos e falas, a dominação colonial lança um problema a ser enfrentado também de maneira pedagógica: *como responder com vida a um sistema de desencanto?* O Brasil dos “homens de bem” que invoca a espiritualidade colonial para a transformação do Estado em uma “bancocracia” vê na mortandade o impulso para o lucro. Afinal, a riqueza para eles é um ideal de grandeza ancorado na escassez, na pilhagem de corpos e nas sobras do dismantelo do mundo. Como gungunou o preto-velho mandingueiro diante do horror, a colônia é um banco de almas <sup>1</sup>.

É preciso ouvir o silêncio. As tecnologias que nos conectam à prática do bem viver são ancestrais. Precisamos romper com a escolarização feita pelo estado colonial e a cultura BBB (bala, boi e bíblia) que alastra a infecção do

esquecimento. Quando toca em qualquer buraco da terra, todo tambor chama quem mora nas barras do tempo e cura o corpo, ao dizer que ele é suporte de vida e que a verdadeira aniquilação é a feita pelo dismantelo das suas próprias histórias. São, afinal, 500 anos de investimento na palavra como salvação e rosário de justificativas santas para a mortandade. Ao rezar a cartilha de que o homem é dono da terra, esquecemos que a terra é que é a matriz de tudo. Tudo se compra, diz o mercador. Saia do seu próprio corpo, ela já não lhe pertence, diz o pregador.

A doença, o abatimento, o desarranjo das memórias, é o dismantelo existencial. O desencantamento às vezes aniquila, às vezes aquebranta, lançando-nos em uma contínua perda de vivacidade que imobiliza e tampa nossos ouvidos ao canto do pássaro dos sonhos. É fundamental soprar palavras de força, aprender o saber dos anciãos da terra. Ele não foi perdido. Não basta colher a folha para fazer o remédio; é preciso saber cantá-la e encantá-la. Cantar a folha é reverenciar a permanência da árvore.

Iroko é o orixá do tempo e da ancestralidade. Em alguns mitos, é a primeira árvore do mundo. Pelo seu tronco, os orixás da criação saíram do Orum e chegaram ao Ayê. Para alguns mais velhos, mais do que uma árvore, Iroko é uma raiz, evocação do poder dos ancestrais e senhor do tempo da paciência. Tem ligação com o culto das mães feiticeiras, já que em um mito o pássaro das Senhoras pousou em seu galho. O mensageiro de Iroko é o abutre, que pousa e voa dos imensos galhos da árvore sagrada para dizer que nós não somos donos do nosso tempo. O abutre encarna a noção da nossa finitude. As raízes do Iroko encarnam a eternidade da memória ancestral. Iroko é o tempo em duas dimensões: o da ancestralidade e o do porvir. É o mistério da paciência. Exu percorre a temporalidade do Iroko na dimensão da imprevisibilidade. Iroko tem a fixidez da gameleira. Exu tem a fluidez da folha que cai da árvore no meio do redemoinho.

A sabedoria de Ifá, conhecimento oracular que fundamenta o culto aos orixás, afirma que o tempo é um fenômeno que se manifesta em todos os

fatos que estão a ponto de acontecer, que estão acontecendo ou aconteceram. Além disso, o tempo engloba todos os acontecimentos passados que ligam o início das coisas ao presente. Vivemos, segundo ensina o “pequeno homem sem ossos”, um dos títulos de Orunmilá, concomitantemente em três tempos/mundos em conexão: o da realidade concreta, o dos valores sociais e o da autoconsciência.

O primeiro é o tempo/mundo dos seres vivos, da natureza cósmica e dos fenômenos naturais. O segundo é o dos valores ancestrais que regem os processos espirituais da comunidade com vistas à permanência. O terceiro é o das forças incorpóreas e absolutamente inexprimíveis fora da poética do encantamento. A existência simultânea do passado, do presente e do futuro, ritualizada em aldeias, gumas e terreiros, tempera o tempo dentro da harmonia dessas três variantes.

Ao encapsular o tempo na dimensão do relógio e dos ritmos da produção e do consumo, restringindo a vida a uma funcionalidade utilitarista e comunicada, somos destituídos de vivacidade e nos tornamos mais uma peça de uma engrenagem. Somos nós que produzimos as mercadorias ou são elas que nos produzem?

Alargar o tempo é ir além das aparências e compreender os pluriversos dos seres e suas conexões. Tal compreensão é um alicerce para a experiência comunitária e um meio para intervir em caso de ameaça a ela, bem longe de eruditismos exibicionistas ou especulações inférteis, incapazes de se traduzir em ações responsáveis que elaborem táticas capazes de construir politicamente a vida. É disso que se trata.

Assim está lançada a tarefa do encantamento: afirmar a vida neste e nos outros mundos — múltiplos feito as folhas — como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo.

1 Referência ao pensamento de Césarie.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÉSARIE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LOPES, Nei. *Kitábu, o livro do saber e do espírito negro-africanos*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2005.

## **SOBRE OS AUTORES**



**LUIZ ANTONIO SIMAS** é carioca, botafoguense, filho de pai catarinense e mãe pernambucana. Trabalha como professor de História e faz pesquisas sobre culturas populares do Brasil. É autor, entre outros, do “Almanaque Brasilidades” (Bazar do Tempo, 2018), de “Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros” (Mórula, 2013), de “Ode a Mauro Shampoo e outras histórias da várzea” (Mórula, 2017), do “Dicionário da História Social do Samba” (Civilização Brasileira, 2015), em parceria com Nei Lopes, de “O corpo encantado das ruas” (Civilização Brasileira, 2019) e de “Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas” (Mórula, 2018) e "Flecha no tempo" (Mórula, 2019), estes dois últimos com Luiz Rufino.

**LUIZ RUFINO** é carioca, filho de pai e mãe cearenses, pedagogo, doutor em Educação pela UERJ, pós-doutorado em Relações étnico-raciais, aprendiz de capoeira e curimba. É professor e autor de “Histórias e Saberes de Jongueiros” (Multifoco, 2014), "Pedagogia das encruzilhadas" (Mórula, 2019) e dos livros “Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas” (Mórula, 2018) e “Flecha no Tempo” (Mórula, 2019) em parceria com o historiador Luiz Antonio Simas).

FOTO: WALTER ALVES

# Encantamento

sobre política de vida

LUIZ ANTONIO SIMAS

LUIZ RUFINO



DESIGN E DESENVOLVIMENTO

Patrícia Oliveira

© 2020 MV Serviços e Editora.

Todos os direitos reservados.

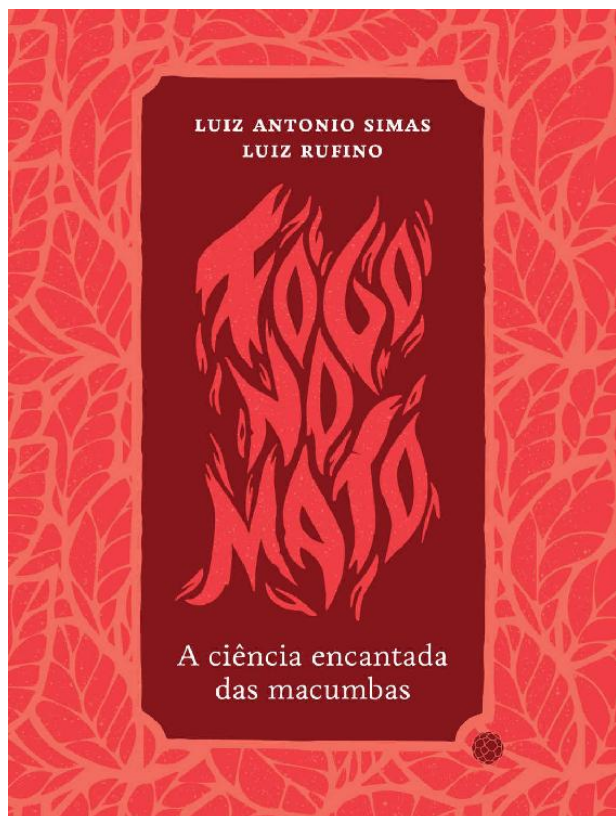


R. Teotonio Regadas, 26 – 904

Lapa • Rio de Janeiro • RJ

[www.morula.com.br](http://www.morula.com.br) • [contato@morula.com.br](mailto:contato@morula.com.br)

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DE LUIZ ANTONIO SIMAS E LUIZ RUFINO



# Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas

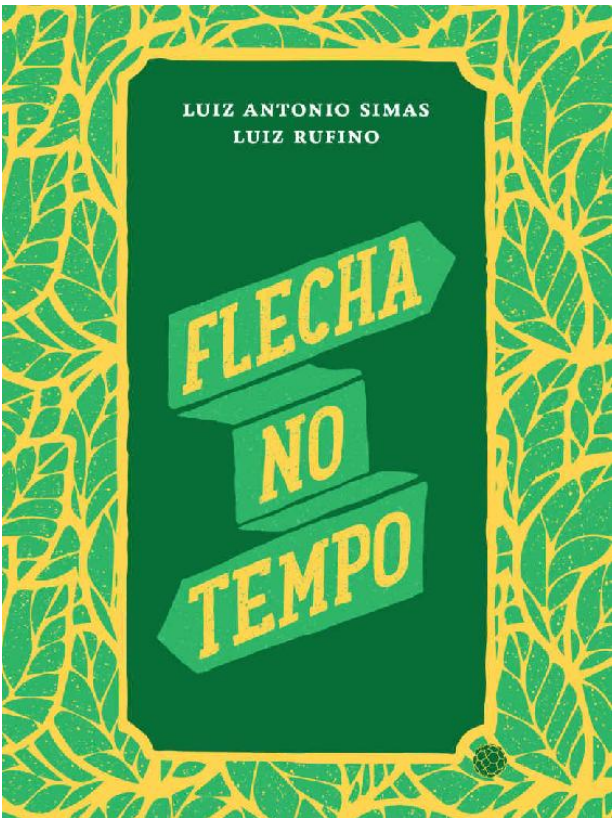
Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino

ISBN: 978-65-81315-02-3

124 páginas

[ [Compre agora e leia](#) ]

**Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas** propõe uma interpretação do Brasil a partir do conhecimento acumulado na macumba e em outros saberes populares. É o primeiro conjunto de ensaios a propor um arcabouço teórico intrínseco ao fenômeno que analisa. Irmão do *Perspectivismo* de Eduardo Viveiros de Castro, há no livro conceitos como o de cruzo, pedagogia das encruzilhadas, culturas da síncope, epistemologia das macumbas, padilhamento dos corpos. A originalidade radical dessas ideias parte do pressuposto seminal de que conhecimento só se adquire com a experiência.



# Flecha no tempo

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino

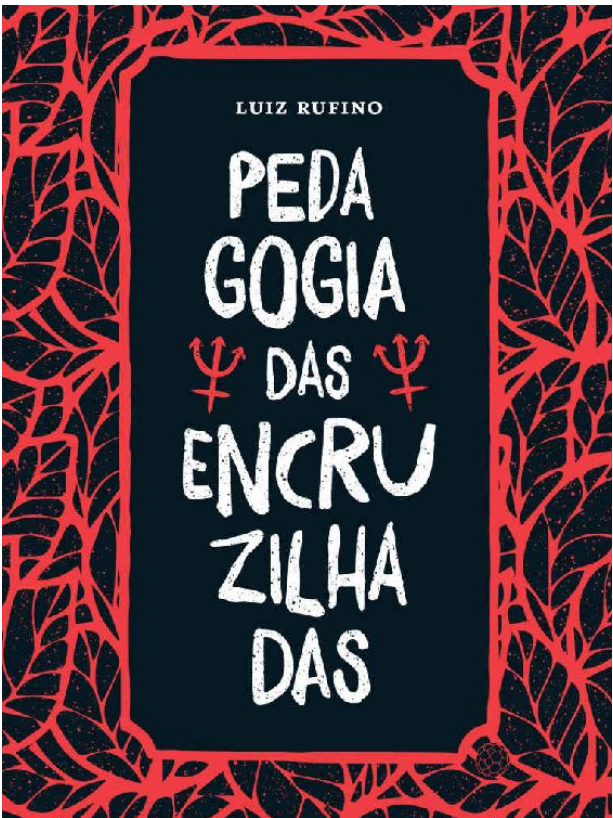
ISBN: 978-65-81315-03-0

112 páginas

[ [Compre agora e leia](#) ]

**Flecha no tempo** engatilha ações rebeldes que combatam a naturalização da barbárie. Neste livro o sopro que encarna o caboclo e a ciência que o faz são artes de fiar saberes e gramáticas desconhecidas, negadas e reprimidas. A diversidade é reconhecida como fundamento da vida. Mas o desafio não é simplesmente se deslocar de uma margem para outra, limitados a uma

realidade cindida em dois polos. A peleja do agora pede a sabedoria dos encantos de ontem.



# Pedagogia das encruzilhadas

Luiz Rufino

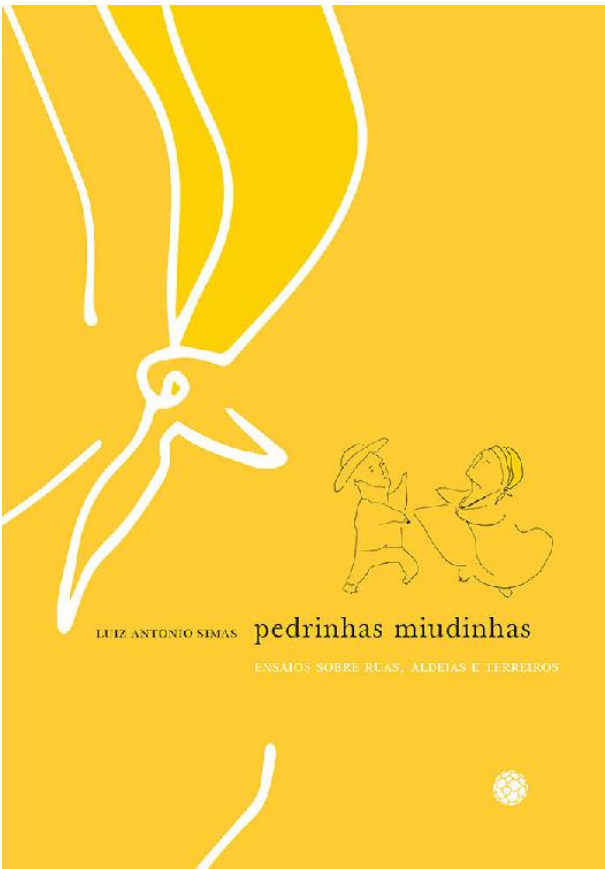
ISBN: 978-65-81315-04-7

164 páginas

[ [Compre agora e leia](#) ]

**Pedagogia das encruzilhadas** apresenta pistas para prepararmos ebois políticos, epistemol6gicos e 6ticos contra o desencantamento do mundo, essa faceta da experi6ncia colonial que nos cristaliza, enfraquece, mortifica. Reivindicando os "saberes de fresta", mostra que nem tudo est6 perdido. Depende de n6s resgatarmos as pot6ncias do que foi visto como pequenino, atearmos fogo no paiol colonial, que n6o apenas alimenta a casa grande,

como lança nosso povo na fome ancestral. [ **WANDERSON FLOR DO  
NASCIMENTO** ]



# Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros

Luiz Antonio Simas

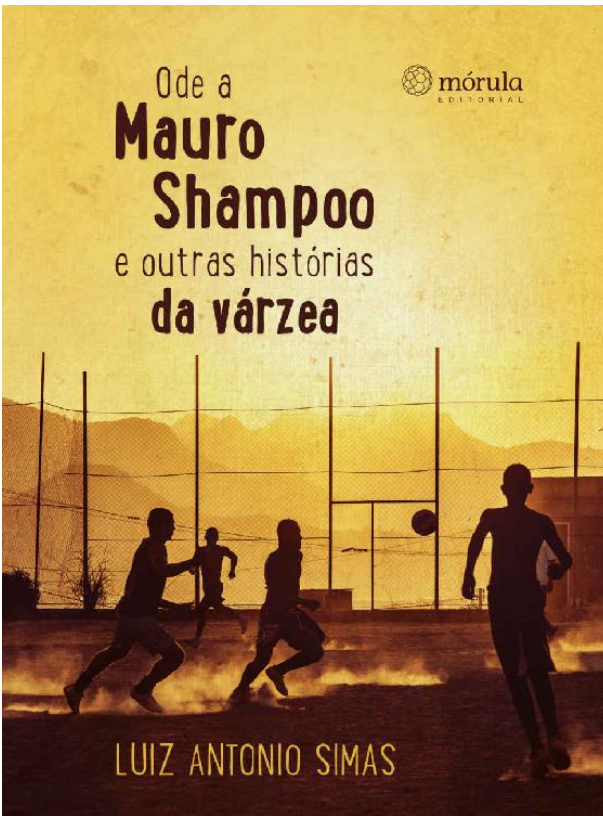
ISBN: 978-85-65679-16-9

132 páginas

[ [Compre agora e leia](#) ]

**Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros** reúne 43 ensaios que vão do samba ao forró, de Noel a Jackson do Pandeiro, entre caboclos e políticos. Simas lembra de onde viemos e dá boas ideias para

onde irmos. De preferência para bem longe dos descolados e da mania modernizadora de “profanar o sagrado e tornar provisório o que já transcendeu a esse próprio tempo”. O fio condutor dos diversos temas não podia ser outro: as raízes da cultura sacro-africana, mais do que herança, “fonte inesgotável de saber e encantamento”, como destaca Nei Lopes em seu prefácio.



# Ode a Mauro Shampoo e outras histórias da várzea

Luiz Antonio Simas

ISBN: 978-85-65679-61-9

104 páginas

[ [Compre agora e leia](#) ]

**Ode a Mauro Shampoo e outras histórias da várzea** passa ao largo da análise sociológica ou do rigor histórico. Seus textos foram escritos com a duvidosa categoria de um peladeiro convicto que mais tomou frangos do que

fez gols. Ao longo de 32 crônicas, o historiador Luiz Antonio Simas conta histórias de times pequenos, derrotas, sonhos e conquistas da várzea.



São as editoras independentes que garantem  
que títulos como esse cheguem até você.  
Ajude a **mórula** a continuar esse trabalho.  
Adquira nossos livros:

[www.morula.com.br](http://www.morula.com.br)



**mórula**  
EDITORIAL



# Pedrinhas miudinhas

Simas, Luiz Antonio

9788565679169

132 páginas

[Compre agora e leia](#)

Luiz Antonio Simas recolhe as pedrinhas miudinhas brasileiras em 41 ensaios. Do samba ao forró, de Noel a Jackson do Pandeiro, entre caboclos e políticos, o historiador lembra de onde viemos e dá boas ideias para onde irmos. De preferência para bem longe dos descolados e da mania modernizadora de "profanar o sagrado e tornar provisório o que já transcendeu a esse próprio tempo". O fio condutor dos diversos temas não podia ser outro: as raízes da cultura sacro-africana, mais do que herança, "fonte inesgotável de saber e encantamento", como destaca Nei Lopes em seu prefácio.

[Compre agora e leia](#)

COLECCIÓN  
MÓRULA  
423

CARTA DE UM DEFUNTO RICO

JOAQUÍN BARRETO

 **mórula**  
EDITORIAL

# Carta de um defunto rico

Barreto, Lima

9788565679091

10 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro não acabou. O livro não acabará. Telefones, tablets e eReaders só aumentam nossa paixão por livros porque ampliam possibilidades, criam novos caminhos. Isso é que o motiva a coleção Para Ler em Pé, lançada pela Mórula Editorial. É uma coleção com textos de autores brasileiros para levar para qualquer lugar. Não pesa nas costas, não dá trabalho para carregar. São textos curtos, para nós, viciados em leitura que queremos ler na fila, no avião, no metrô ou no ônibus. A cada quinze dias um texto novo. Sempre às quartas-feiras, gratuito, na loja virtual da livraria Cultura e da Kobo. É só baixar e curtir em doses suaves o vício de ler.

[Compre agora e leia](#)

COLLETA  
MÓRULA  
EDITORIAL



À OPINIÃO PÚBLICA

MACHADO DE  
**ASSIS**



mórula  
EDITORIAL

# A opinião pública

de Assis, Machado

9788565679107

10 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro não acabou. O livro não acabará. Telefones, tablets e eReaders só aumentam nossa paixão por livros porque ampliam possibilidades, criam novos caminhos. Isso é que o motiva a coleção Para Ler em Pé, lançada pela Mórula Editorial. É uma coleção com textos de autores brasileiros para levar para qualquer lugar. Não pesa nas costas, não dá trabalho para carregar. São textos curtos, para nós, viciados em leitura que queremos ler na fila, no avião, no metrô ou no ônibus. A cada quinze dias um texto novo. Sempre às quartas-feiras, gratuito, na loja virtual da livraria Cultura e da Kobo. É só baixar e curtir em doses suaves o vício de ler.

[Compre agora e leia](#)

COLLEÇÃO  
PRIMEIRA  
MÓDULO



AO CORRER DA PENA

JOSÉ DE

# ALLEN CAR



mórula  
EDITORIAL

# Ao correr da pena

de Alencar, José

9788565679190

12 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro não acabou. O livro não acabará. Telefones, tablets e eReaders só aumentam nossa paixão por livros porque ampliam possibilidades, criam novos caminhos. Isso é que o motiva a coleção Para Ler em Pé, lançada pela Mórula Editorial. É uma coleção com textos de autores brasileiros para levar para qualquer lugar. Não pesa nas costas, não dá trabalho para carregar. São textos curtos, para nós, viciados em leitura que queremos ler na fila, no avião, no metrô ou no ônibus. A cada quinze dias um texto novo. Sempre às quartas-feiras, gratuito, na loja virtual da livraria Cultura e da Kobo. É só baixar e curtir em doses suaves o vício de ler.

[Compre agora e leia](#)

COLLEÇÃO  
PRIMA  
MÓRULA



A DÍVIDA

ARTUR  
**AZEVEDO**



mórula  
EDITORIAL

# A dívida

Azevedo, Artur

9788565679121

14 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro não acabou. O livro não acabará. Telefones, tablets e eReaders só aumentam nossa paixão por livros porque ampliam possibilidades, criam novos caminhos. Isso é que o motiva a coleção Para Ler em Pé, lançada pela Mórula Editorial. É uma coleção com textos de autores brasileiros para levar para qualquer lugar. Não pesa nas costas, não dá trabalho para carregar. São textos curtos, para nós, viciados em leitura que queremos ler na fila, no avião, no metrô ou no ônibus. A cada quinze dias um texto novo. Sempre às quartas-feiras, gratuito, na loja virtual da livraria Cultura e da Kobo. É só baixar e curtir em doses suaves o vício de ler.

[Compre agora e leia](#)